



ALEXANDRE GANOCZY
DENIS CROUZET IRENA BACKUS
ÉMILE LÉONARD MICHAEL WALZER
BERNARDO COTTRET SALATIEL PALOMINO
LÓPEZ RUBÉN ROSARIO RODRIGUEZ

ORGANIZADOR EDUARDO GALASSO FARIA

JOÃO CALVINO E O CALVINISMO

Seleção de textos traduzidos de: *Juan Calvino, su vida y obra a 500 años de su nacimiento*. Leopoldo Cervantes-Ortiz, editor, Editorial CLIE, Viladecavalls (Barcelona), España, 2009.

1ª edição, junho de 2013, pela **Pendão Real**. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

João Calvino e o calvinismo / Eduardo Galasso
Faria, organizador. -- São Paulo : Editora Pendão
Real, 2013.

Título original: Juan Calvino, su vida y obra a
500 años de su nacimiento.

Vários autores.

Vários tradutores.

ISBN 978-85-98208-44-2

1. Calvinismo 2. Calvino, João, 1509-1564
3. Protestantismo 4. Reforma I. Faria, Eduardo Galasso.

13-05973

CDD-284.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Calvinismo : Teologia : Cristianismo
284.2

EDIÇÃO E SELEÇÃO DE TEXTOS: Eduardo Galasso Faria

TRADUÇÃO: Eduardo Galasso Faria - Gerson Correia de Lacerda – Lysias Oliveira dos Santos
- Paulo de Góes – Shirley Maria dos Santos Proença

REVISÃO: Eduardo Galasso Faria – Gerson Correia de Lacerda

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA – Seivadartes - www.seivadartes.com.br

PUBLICAÇÕES JOÃO CALVINO - www.teologiaesociedade.org.br

FACULDADE DE TEOLOGIA DE SÃO PAULO – FATIPI – www.fatipi.com.br

ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA PENDÃO REAL - www.pendaoreal.com.br

IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL – www.ipib.org



Rua da Consolação, 2121 - 6º andar

01301-100 - São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 3105-7773

pendaoreal.com.br • pendaoreal@pendaoreal.com.br

ISBN - 978-85-98208-44-2

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
CAPÍTULO 1 A VIDA DE CALVINO Alexandre Ganoczy	9
CAPÍTULO 2 MULHERES AO LADO DE CALVINO: IDELETTE DE BURE E MARIE DENTIÈRE Irena Backus	33
CAPÍTULO 3 AUSÊNCIAS Denis Crouzet	47
CAPÍTULO 4 CALVINO E A OPINIÃO DOS CATÓLICOS Alexandre Ganoczy	61
CAPÍTULO 5 CALVINO, FUNDADOR DE UMA CIVILIZAÇÃO Émile G. Léonard	71
CAPÍTULO 6 CALVINO E A REFORMA RADICAL George Williams	103
CAPÍTULO 7 O CALVINISMO Michael Walzer	149

CAPÍTULO 8 FOI CALVINO CALVINISTA? Bernard Cottret	165
CAPÍTULO 9 HERANÇA REFORMADA E BUSCA PELAS RAÍZES Salatiel Palomino López	173
CAPÍTULO 10 CALVINO OU O CALVINISMO: REIVINDICANDO A TRADIÇÃO REFORMADA PARA A AMÉRICA LATINA Rubén Rosario Rodríguez	187

APRESENTAÇÃO

O levantamento de dados e a reflexão sobre a vida, o pensamento e a obra de João Calvino, com suas implicações para igreja e a sociedade, representam um trabalho cumulativo a que muitos historiadores, sociólogos da religião e teólogos têm se dedicado. Hoje temos incontáveis informações tanto sobre a pessoa do reformador como de seu legado, manifestos nos diversos calvinismos surgidos na história e seus reflexos inclusive na formação da moderna civilização ocidental.

O livro que temos em mãos é uma coletânea de escritos que resultam dos exercícios de meditação e intuição provenientes das descobertas acerca do real significado da pessoa do reformador bem como de sua influência. Sabemos que, quanto maior a análise interpretativa do que ocorreu, melhores condições teremos para fazer um ajuizamento crítico necessário, dinâmico e motivador, que possa nos conduzir além dos clichês que alimentam o imaginário em torno desse tema, seja nos ambientes religiosos ou nos meios de fermentação intelectual seculares, como aqueles que trabalham com a história das ideias.

Editado por Publicações João Calvino, da Faculdade de Teologia de São Paulo – FATIPI – *João Calvino e o Calvinismo* – está na linha de continuidade com esse espírito de pesquisa comprometido e norteador, voltado para a educação teológica nos inúmeros espaços presbiterianos/reformados em nosso país e possivelmente em outros rincões de língua portuguesa no mundo.

Na leitura inicial seletiva e preparatória para esta edição, percorremos um caminho com paisagens surpreendentes, acompanhando parte do inimaginável projetar histórico que se sucedeu às realizações e ideias do autor da *Instituição da Religião Cristã*. Logo percebemos sua utilidade motivadora. Além de complementar ricamente o material biográfico e histórico já existente em nossa língua, vimos sua possível contribuição para o diálogo com as manifestações culturais que nos cercam, criando aberturas realistas que nos lancem a possíveis novas comunicações de fé para o reconhecimento do reino de Deus presente entre nós no envolvimento com o próximo.

Parte do conteúdo organizado deste livro resulta dos esforços comemorativos para os 500 anos do nascimento de Calvino, em 2009, quando, mais uma vez, boa parte do mundo protestante se lembrou do reformador. De um volume bem maior, publicado em espanhol, selecionamos o que nos pareceu mais pertinente para compor a edição brasileira. Recolhidos de diversas fontes, seus capítulos trazem uma análise inteligente e autocrítica dos influxos provenientes da vida e práticas cristãs geradas pela atuação do teólogo João Calvino, assim como dos desdobramentos de sua atuação singular como testemunha fiel e obediente ao evangelho do Senhor Jesus, espelhado no dia a dia da cidade de Genebra.

De procedências diversas, os autores aqui apresentados, longe de portar um estilo hagiográfico louvatório, manifestam-se bastante críticos em seu trabalho, trazendo visões diversificadas de uma prática de fé que foi provada intensamente por inúmeras comunidades reformadas na história. Entre eles está o teólogo católico e especialista em Calvino, Alexandre Ganoczy, que aborda pontos decisivos de sua biografia, além de historiar como o reformador tem sido visto pela Igreja Romana e suas possibilidades de influenciar positivamente o diálogo ecumênico nos dias de hoje. Irena Backus, da Universidade de Genebra, analisa o relacionamento e a posição de Calvino, estendendo-se ao período da Reforma, em relação às mulheres, sendo uma delas sua esposa. O embate crucial do reformador com as seitas radicais que

ameaçavam a obra reformada, bem no início de seu trabalho, no século XVI, é esmiuçado por George Williams. Denis Crouzet, historiador francês especialista no século XVI, surpreende ao falar de um Calvino angustiado, que teve sua personalidade moldada à semelhança de um teatro imaginário, escondendo-se a si mesmo e dedicando-se por inteiro à glória de Deus. À intrigante questão de como Calvino seria um calvinista, Bernard Cottret, um dos mais recentes e notáveis biógrafos do reformador, com surpresa descobre que, no fundo, ele também é um calvinista!

Entre os textos que tratam do calvinismo, sua expansão e transformações, temos um deles, já clássico, do professor Émile G. Léonard, também historiador do protestantismo brasileiro, que, ligando o reformador à romanização do protestantismo, ressalta o seu papel como sendo, nada mais nada menos, que o de “fundador de uma civilização”. Michael Walzer, por sua vez, compara Calvino a Lutero para enfatizar que o francês, além de ser um mestre na arte de interpretar, possuía “a grande virtude política da ambiguidade”. Concluindo, temos a muito bem-vinda participação dos latino-americanos Salatiel Palomino e Rubén Rosario Rodríguez, que apontam para a necessária busca de nossas raízes, desafiando-nos à coragem de reivindicar a teologia reformada para a igreja na América Latina.

Com as transformações ocorridas na sociedade e a avassaladora mudança das mentalidades no mundo hoje, cresce a sensação de que o rumo da missão tem ficado pouco visível para nós. No entanto, em perspectiva histórica é possível ver como um legado de fé, que foi renovado sempre, revelando-se fonte de águas vivas restauradoras, emergindo das profundezas e borbulhando com força incontida, é capaz de saciar anseios por sentido e resultar em ação servicial amorável em tempos de frustração e incertezas.

Estamos, pois, atentos quanto à pertinência e oportunidade do material contido neste volume que está sendo oferecido à reflexão. Seu teor sócio-histórico e bíblico-teológico, uma vez examinado por homens e mulheres, leigos interessados, pastores, professores, intelectuais ou

estudantes de teologia, certamente mostrará seu potencial e motivação.

Menciono ainda uma referência elogiosa aos reformados, muitas vezes citada. Vem do missionário John Mackay, que atuou na América Latina. Em seu livro sobre o sentido presbiteriano da vida, ele reservou um capítulo no qual caracteriza os presbiterianos como “um povo com mentalidade teológica”. Uma designação elogiosa, mas também embaraçosa! Todavia, mesmo sabendo dos traços ora elitistas, ora popularescos e até alienados de algumas teologias que se apresentam em nosso meio, sonhamos com o dia em que, superando a dependência servil e a afirmação repetitiva da herança recebida ou desfigurada, possamos ser conduzidos pelo Espírito em direção à criatividade contextualizada dos reformadores como aqueles que, no dizer do profeta, “esperam no Senhor e renovam as suas forças, sobem com asas como águias, caminham e não se fatigam” (Is 40.31). E, para isso, estamos certos que o presente livro dará proveitosa contribuição!

Finalmente, lembramos agradecidos que a proposta de Publicações João Calvino tornou-se realidade graças ao decidido apoio financeiro da Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas assim como da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

EDUARDO GALASSO FARIA

Publicações João Calvino

Faculdade de Teologia de São Paulo – FATIPI

CAPÍTULO 1

A VIDA DE CALVINO*

Alexandre Ganoczy

Os biógrafos de Calvino usualmente dividem a sua vida em três períodos bem distintos: uma juventude privilegiada e dedicada aos estudos, uma existência proscrita, quando buscava asilo em algum lugar e, finalmente, um quarto de século como líder da hierarquia eclesiástica de Genebra. Essas divisões se justificam à medida que não obscurecem a notável unidade da vida deste lutador e pensador. De Paris a Basileia, de Estrasburgo a Genebra, Calvino, com os seus ensinamentos, alcançou um lugar importantíssimo que não foi abalado com o passar dos anos.

FORMAÇÃO INTELECTUAL

Pouco se sabe acerca dos primeiros anos do futuro reformador de Genebra. Foi neto de artesãos e filho de um cuidador dos interesses eclesiásticos em Noyon, França. Existem dados acerca do caráter autoritário de seu pai, da personalidade devota e retraída de sua mãe, a quem perdeu muito cedo, assim como de sua proximidade com a aristocrática família Hangest,

*Tradução: Paulo de Góes. Texto original: "Calvin", Alexandre Ganoczy. In Pierre Chaunu (ed). *The Reformation*. Gloucester: Alan Sutton, 1989, p. 120-136.

influenciada pela cultura humanista. Um detalhe importante é o fato de que, dos quatro sobrinhos de Charles Hangest, bispo de Noyon, dois deles foram colegas de Calvino e se decidiram pela carreira religiosa, enquanto que os outros dois, menos próximos ao reformador, abraçaram a Reforma. Calvino foi destinado, inicialmente, à carreira eclesiástica e, para isso, o pai o enviou primeiro a estudar no Colégio de La Marche, em Paris, em 1523, aos 14 anos. Ali, teve como professor de gramática Mathurin Cordier, sacerdote de uma fé radiante e pioneiro dos modernos métodos de ensino.

Entre 1523 e 1527, estudou no famoso Colégio Montaigu, no setor exclusivo da classe abastada, antes de estudar leis em Orléans e em Bourges. Em Montaigu, estudou provavelmente lógica, metafísica, ética, retórica e ciências, tudo conforme os moldes do pensamento aristotélico, com professores inspirados por autoridades como Guilherme de Occam, Buridan, Duns Scoto, Tomás de Aquino. Tais estudos serviram como iniciação à teologia, e Calvino concluiu-os aos 18 anos, sem estar em condições para começar sua preparação religiosa, que consistia em um comentário sobre a Bíblia e *As Sentenças*, de Pedro Lombardo. Desse modo, escapou do modelo escolástico e conservou sua pureza intelectual para uma rápida e humanística interpretação luterana da tradição católica.

Os mestres eclesiásticos de Montaigu não tiveram a oportunidade de inculcar-lhe a arte das especulações abstratas, separadas tanto da vida como da linguagem concreta e completamente estranhas aos evangelhos, nos quais os mestres teológicos nominalistas Gregório de Rimini, Tomás Bradwardine ou John Major (seu intérprete em Montaigu) eram especializados. Não creio que a influência de Major no pensamento de Calvino seja tão evidente, apesar dos esforços de alguns estudiosos importantes como F. Wendel e K. Reuter para demonstrar o contrário.

Calvino adquiriu sua teologia ao beber nas fontes mais espirituais e acessíveis dos novos métodos históricos. Buscou não apenas nos austeros clérigos do colégio como também em um bom número dos

seguidores de Erasmo e Lefèvre d'Étaples, os quais estavam abertos às novas ideias e lhe transmitiram a *devotio moderna* (devoção moderna) – uma espécie de misticismo pessoal, com seu ideal da “imitação” de Cristo e suas meditações acaloradas.

Em todos os campos teológicos, havia os que se dedicavam a esta concentração na pessoa de Cristo como Senhor e Salvador. Mas somente os humanistas devotos desta época, como o famoso círculo que se reunia em redor de Briçonnet, bispo de Meaux, ou os mais platonizados da corte de Margarida de Navarra, experimentaram a afinidade entre esta piedade e o cristocentrismo apaixonado de Lutero. Foi em companhia desses devotos que o jovem Calvino encontrou abrigo espiritual. Ali aprendeu também como aplicar a força de sua fé pessoal à igreja e à cristandade carente de reformas. Ao fazê-lo, foi muito além das tendências reformistas de Erasmo ou de Lefèvre d'Étaples e chegou a ser um agente de mudança social superior a Lutero, seu mestre saxão.

Com esta devoção e seu desenvolvimento no criticismo, Calvino enriqueceu-se ao se apropriar dos métodos de estudos dos textos tradicionais em perspectiva histórica. Esses textos, além da Bíblia, dos Pais da Igreja e dos filósofos da antiguidade, assim como as coleções dos juristas romanos e medievais, constituíram a motivação para seus estudos de jurisprudência. Para realizar tais estudos era indispensável conhecer as línguas originais. Apesar dos esforços da Sorbonne para impor a Vulgata como o único texto para os estudos teológicos, a crítica textual havia se desenvolvido, remetendo aos originais em hebraico e grego, o que mostrava, inevitavelmente, os erros da tradução latina da Bíblia.

Calvino aprendeu as duas línguas bíblicas em Orléans e no Colégio Real que Francisco I havia fundado como contrapeso à conservadora e inquisitorial Sorbonne. Além disso, compartilhou a paixão pela *hebraica et graeca veritas* (verdade hebraica e grega) de homens de letras como Wolmar, seu amigo dos tempos de Orléans, Vatable e Danès, seus mestres em Paris, assim como dos já citados Erasmo e Lefèvre d'Étaples. Isso não foi apenas uma paixão acadêmica, mas o

ardor religioso de alguém que procurava compreender melhor a sua fé. Ele não estava completamente satisfeito com os simples estudos históricos e desejava ir além: conhecer a Deus e a si mesmo à luz da Palavra, livre de qualquer distorção. Esta piedade e aprendizagem, unidas, determinaram o caminho que empreenderia.

II. EM BUSCA DO EVANGELHO

A busca da salvação pessoal empreendida por Calvino nunca esteve separada de seu interesse pelos assuntos públicos. Além do mais, ele havia se misturado o suficiente com as classes sociais altas, aquelas em que a riqueza e a influência política e cultural alimentaram ambições de reformar a igreja e o Estado. Os filósofos antigos, como Platão e Aristóteles e, especialmente os estóicos, como Cícero e Sêneca, dos quais o jovem advogado humanista havia adquirido rapidamente um bom conhecimento, fizeram-lhe recordar o quanto custa a manutenção do bem comum, à semelhança de Agostinho, na *Cidade de Deus*, que ele citou frequentemente em seu primeiro trabalho, um comentário a *De Clementia* (Sobre a Clemência), de Sêneca, que serviu para lembrar Nero da necessidade de uma ética política. Este primeiro livro de Calvino mostra o que ele pensava sobre a sociedade em todas as suas formas, já que expõe a ordem social com valores como a misericórdia e a equidade apoiadas pela força, conforme o ensino dos estóicos acerca do soberano. Contudo, imposta pela tirania, a ordem em questão se converte em desordem.

O senso cívico do futuro reformador, que tinha então 23 anos, é admirável, porque estende sua crítica a todos os regimes intolerantes. Três anos mais tarde, fez o mesmo em sua epístola a Francisco I, como prefácio à primeira edição da *Instituição da Religião Cristã*, que se tornou uma apologia dos protestantes franceses, logo após o lamentável episódio dos Panfletos. Não eram eles os inimigos da ordem estabelecida e, sim, os anabatistas, cuja doutrina do sono das almas depois da morte é duramente criticada por Calvino em seu livro

Psychopannychia, redigido em 1534 aproximadamente. Estes sectários, com sua doutrina fantasiosa sobre um ponto essencial do dogma, não estavam apenas rompendo a unidade da igreja, mas se apresentavam ainda como transgressores da lei civil. Calvino procura demonstrar isso com o auxílio de argumentos escriturísticos e patrísticos. Além do mais, este pequeno tratado não se refere polemicamente às deformações da “Igreja sob o Papado,” como se insinuava nos inícios da Reforma.

Assunto digno de nota é o fato de que o acento antirromanista não aparece sequer no sermão acadêmico de Nicolau Cop, de cuja elaboração participou Calvino e que despertou as iras inquisitoriais da Sorbonne, em novembro de 1533. Nesse sermão, o tema erasmiano da “filosofia cristã” é enunciado juntamente com vários temas luteranos: *solus Christus, sola gratia*, a oposição lei-evangelho, o amor incondicional de Deus e a justificação pela fé. Fora deste contexto teológico, com a bem-aventurança para os pacificadores, apareceu um vibrante apelo aos que se encontravam em preeminência política para que argumentassem contra o partido do evangelho com a palavra e não com a espada. Enquanto se esperava esse diálogo de paz, foi lembrada também a bem-aventurança dos perseguidos por causa da justiça.

Teria sido este o início da ruptura decisiva? Ou, ao juntar o evangelho, a justificação pela fé, a defesa dos perseguidos (luteranos, é claro), tomava-se, ainda que de modo indireto, o partido de Lutero em sua luta contra Roma? A hipótese não deve ser descartada tão facilmente e alguns pesquisadores consideraram seriamente o fato. Entretanto, uma compreensão profunda da situação esclarece um pouco mais as coisas: quem pregou foi Cop, um dos seguidores de Erasmo que liam Lutero, apesar da proibição papal na bula *Exsurge Domine*, de 1520, e da Sorbonne, em 1521, mas que não sentiam a necessidade de romper os laços com a igreja estabelecida. Essas vacilações são compreensíveis se levarmos em conta o seu propósito: eles desejavam reformar a igreja, não fundar uma nova.

Cop, recém-eleito reitor da Universidade de Paris, estava defendendo a rainha de Navarra do ataque da Sorbonne contra seu reformismo e

não o monge de Wittenberg, processado por sua radicalidade teológica. Por certo, as teses do dito sermão haviam sido tomadas provavelmente das *Kirchen-postillen*, de Lutero, na versão latina de Bucer, mas o contexto e tom de suas palavras estavam mais próximas do reformismo humanista. O apoio de Calvino a uma pessoa como Cop, no outono de 1533, não implicava que estivesse disposto a romper com a igreja. Não obstante isso, os inquisidores de Paris suspeitaram de sua pertença à “maldita seita luterana” e ele teve que fugir da capital. O defensor dos perseguidos experimentava a perseguição pela primeira vez.

Ao deixar Paris, foi-lhe concedida uma paróquia por seu amigo Louis de Tillet, pároco de Claix, em Saintonge, e membro do cabido de Angoulême. Por alguns meses, Calvino desfrutou um ambiente de tranquilidade favorável ao estudo teológico e pôde ainda utilizar a biblioteca local, rica em obras bíblicas e patrísticas. Graças à sua prodigiosa memória, o futuro reformador assimilou rapidamente os textos da tradição católica. Essa bagagem de conhecimentos requeria um princípio de interpretação e Calvino o encontrou nos escritos de Lutero que pôde ler em Basileia, onde havia chegado com Du Tillet, em janeiro de 1535, no início de seu exílio.

III. A INSTITUIÇÃO DA RELIGIÃO CRISTÃ

Basileia era um centro humanista que havia sido conquistado pela Reforma e ali Calvino deu vazão à forma escrita de suas ideias, após exaustivas leituras. Estudante e escritor, alimentou-se da obra de Lutero naquilo que poderia ser considerado sua primeira instrução teológica formal. A *Institutio Religionis Christianae*, publicada em 1536, deve muito ao *Parvus Catechismus* (Breve catecismo), a *De captivitate Babylonica* (O cativo babilônico da Igreja) e a *De libertate Christiana* (Sobre a liberdade cristã), obras de Lutero. O material encontra-se distribuído na mesma ordem do breve catecismo de Wittenberg: lei, fé, oração, sacramentos, isto é, um comentário sobre o Decálogo, o Credo Apostólico, o Pai Nosso, batismo, santa ceia. Como nos mencionados

escritos de Lutero, Calvino expõe suas ideias levando-as a uma conclusão: *De falsis sacramentis* (Sobre os sacramentos falsos) e *De libertate Christiana* (Sobre a liberdade cristã).

Tratava-se apenas de uma reprodução, sem qualquer originalidade? Contentou-se o discípulo em simplesmente formular em um latim melhor o pensamento do mestre? Certamente não. A *Instituição*, para começar, amplia o material bíblico com apoio em uma boa exegese e argumentação mais sólida, carregada de matizes. Essa releitura tão pessoal da teologia de Lutero deve também muito a outras fontes e a outros teólogos: aos *Loci communes* (Pontos de comum acordo), de Melancton (1521), aos *Commentarius de vera et falsa religione* (Comentário sobre a verdadeira e a falsa religião), de Zuínglio (1525), e às *Enarrationes* sobre os quatro evangelhos, segunda edição, de Martin Bucer (1520). Com isso, pode-se concluir que Calvino seguiu tais teólogos influenciado pelo humanismo, com a finalidade de reformular as ideias de Lutero.

E a teologia escolástica? As altas especulações técnicas sobre Deus e o ser humano nas quais os mestres da Sorbonne eram tão doutos, como o caso de Scoto e de John Major, não deixaram marca na primeira edição da *summa* calviniana e vão ser percebidas apenas na eclesiologia da edição definitiva de 1559. O certo é que o jovem estudioso de Noyon só havia tido cursos de filosofia em Montaigu. Seria surpreendente admitir que Calvino houvesse se familiarizado ao mesmo tempo com a dogmática escolástica delineada basicamente nas *Sentenças*, de Pedro Lombardo. De fato, a primeira edição da *Instituição* reflete um conhecimento muito incompleto do dito manual, especialmente no livro quarto. Além disso, Calvino não tinha qualquer consideração por esse tipo de teologia. Seu método consistia em analisar os textos e trabalhar com eles para facilitar as refutações. Sua reação é compreensível: a abstração e aridez escolásticas não sobreviveriam à descoberta da teologia bíblica, profética e vital de Lutero, especialmente para alguém que já era capaz de se articular com facilidade a partir das fontes bíblicas e patrísticas.

Esta experiência intelectual e espiritual foi reforçada com a perseguição sofrida pelos simpatizantes da nova teologia nas mãos dos defensores daquela obsoleta teologia. Deve-se levar em conta a soma de todos estes fatores ao se explicar a mudança de orientação ou “conversão” que experimentou Calvino no momento em que produzia seu manual de dogmática para leitores cultos. A ortodoxia – intolerante, repressiva, resistente a qualquer discussão – estava comprometendo a credibilidade de suas fórmulas e teses. Isso se aplicava especialmente no caso de uma mente tão perspicaz, crítica e atenta, a qual, com sua base jurídica e humanista, havia se aberto de forma ampla à teologia. As dimensões políticas e eclesiais desta tensão – os dois aspectos eram inseparáveis naquele período – provocaram simultaneamente a Calvino, o jurista. A *Instituição*, primeiro fruto importante de suas pesquisas, colocou-o imediatamente do lado da Reforma, em oposição ao papado.

Porém, curiosamente, o tom abertamente antirromanista de seus escritos colocou-o do lado das manifestações de lealdade ao rei da França que, antes do episódio dos Cartazes, não fez objeção ao parlamento pela queima dos “hereges”. Sua carta-prefácio dirigida a Francisco I é um legado em defesa dos evangélicos para mostrar que eles são bons cristãos e que não se opõem, de modo algum, à ordem política, nada tendo em comum com a “seita fantasiosa” dos anabatistas. Qual é o significado desta fidelidade a um monarca que, depois de haver se simpatizado com o reformismo, tornou-se um forte aliado da Inquisição, um agente de segurança que Roma havia criado depois da crise dos cátaros com o objetivo de evitar qualquer desvio dogmático ou disciplinar? Uma possível resposta seria dar um alto valor às esperanças de Calvino em ganhar o próprio rei e, com ele, toda a França para o evangelho. Mas, isso não seria dar mais valor ao poder da espada que à palavra persuasiva? O trágico fim de Serveto em Genebra mostraria, mais tarde, a contradição com a qual Calvino, desde o princípio, parecia estar confrontado.

IV. GENEBRA, BASILEIA, ESTRASBURGO

O êxito da *Instituição* estimulou Calvino a continuar seus estudos e, então, tratou de se reunir com Martin Bucer em sua cidade-igreja de Estrasburgo. Mas Guilherme Farel, que não havia conseguido consolidar a Reforma em Genebra, solicitou sua ajuda com a finalidade de organizar a Igreja Reformada nessa cidade “de acordo com a Palavra de Deus” e Calvino aceitou. Logo se tornou leitor da Sagrada Escritura, expositor da Epístola aos Romanos, assim como participante da Disputa de Lausanne, na qual seu conhecimento dos Pais da Igreja e sua habilidade para argumentar – essa herança de Montaigu foi realmente útil! – obrigou seus adversários romanistas a capitular.

Esse novo êxito lhe permitiu valorizar a necessidade de ter pastores bem treinados, razão por que se entregou à tarefa de elaborar as *Ordenanças* para a comunidade de Genebra, que dariam aos pastores uma forte influência, inclusive nos assuntos civis. Ao presidir frequentemente a santa comunhão, exerceriam também uma função judicial, visto admitir unicamente pessoas dignas, excluindo e excomungando as indignas. Essa “dignidade” era julgada inicialmente pela aceitação da *Confissão de Fé* que Calvino produziu e que os magistrados impuseram a todos os cidadãos sob pena de exílio. Escreveu também um catecismo destinado a iniciar a todos na fé.

Mas aos magistrados não agradou a tutela dos pastores, cuja influência política cresceu devido à indefinição de suas funções. É significativo que, por um problema relacionado com a eucaristia no culto da Páscoa, se desenvolveu um conflito que culminou com a expulsão de Calvino e de Farel, em 1538.

Uma vez mais, o autor da *Instituição* refugiou-se nos estudos e estabeleceu-se na Basileia. Mas agora tinha muitas dúvidas a respeito de sua vocação: ele era um jurista que não havia sido ordenado nem pela igreja em que se educou nem por qualquer comunidade reformada. Estava Deus chamando-o realmente para um ministério? A uma responsabilidade definitivamente pastoral, educativa, governamental,

profética? Deveria contentar-se em servir a Deus com o pensamento e com a pena?

Seu fiel amigo Du Tillet insistiu com ele para renunciar a seu ministério e regressar ao seio da igreja estabelecida. Bucer, ao contrário, convidou-o para ir a Estrasburgo e o confirmou em sua vocação, encontrando o trabalho ideal para este refugiado francês: a responsabilidade pastoral na paróquia de fala francesa. Isso lhe deu suficiente espaço para estudar e participar nas práticas das igrejas evangélicas de orientações variadas em Frankfurt, Haguenau, Worms, Ratisbona. Por insistência de Bucer, como aconteceu antes com Farel, em Genebra, Calvino reconheceu de novo a “mão de Deus”, o que lhe permitiu abandonar as dúvidas acerca de sua vocação. Fortalecido por essa nova certeza, desenvolveu seus talentos de defensor e polemista como nunca havia feito. Sua réplica ao Cardeal Sadoletto bem demonstra isso.

Sadoletto, bispo de Carpentras, foi um dos prelados cuja fidelidade a Roma e às tradições católicas só era igualada a um espírito evangélico e reformista. Sua abertura de pensamento era acompanhada por uma atitude tolerante. Em março de 1539, ao perceber o caos reinante em Genebra, logo após a expulsão de Calvino e Farel, escreveu uma carta com a intenção de trazer de volta os genebrinos ao seio da igreja papal, a “igreja verdadeira”, a única que tinha a seu favor o consenso universal de todos os mestres de todas as épocas. Calvino, alertado pelos seus seguidores de Genebra, aceitou contestar Sadoletto. O resultado foi uma pequena *summa* de eclesiologia que evidenciava sua grande perspicácia.

A igreja verdadeira não era primariamente a que reconheciam os mestres e as tradições seculares, senão aquela onde a Palavra de Deus se manifestasse sem restrições. Somente a Palavra funda a igreja, mas sua condição humana era tal que se impunha uma reforma. Sua reivindicação de ser una, santa, católica e apostólica se aceitaria pelo único critério do *verbum Dei*. A igreja continuaria existindo e os evangélicos nunca a teriam abandonado. Eles não eram desertores e, sim, soldados de Cristo que tinham abraçado seu estandarte para devolver a ordem a um exército confuso. Não buscavam um cisma:

anelavam pela comunhão eclesial acima de tudo. E essa verdade estava do seu lado mesmo quando tinham sido uma minoria. Não haviam tido razão os profetas e próprio Jesus apesar de haverem sido repelidos por uma maioria de sacerdotes e eruditos? A *Epístola a Sadoleto* teve o efeito desejado: Genebra não só não regressou a Roma como voltou a chamar Calvino em setembro de 1541.

V. O REGRESSO A GENEBRA

A segunda estadia de Calvino em Genebra foi como uma colheita proveitosa de semente lançada por ocasião da primeira edição da *Instituição*. A teoria e a prática se juntaram, e a primeira foi posta em prova para sua verificação nas prosaicas realidades da vida cotidiana em uma cidade que o reformador desejava converter em igreja. Calvino escreveu novas *Ordenanças*, nas quais estabeleceu o ministério dos pastores, mestres, anciãos e diáconos, e também reformulou seu catecismo.

As *Ordenanças* de 1541 marcaram de maneira mais precisa os direitos dos pastores como ministros encarregados essencialmente de pregar e ministrar os sacramentos. Agrupou-os numa espécie de “conselho” e convocava-os em reunião semanal com a finalidade de estudar textos bíblicos e assuntos pastorais práticos. Quatro vezes por ano o “conselho de pastores” era convocado para autoanalisar-se, chegando, inclusive, a adotar um conceito quase monástico de culpa. Ao mesmo tempo, o colégio clerical examinava novos candidatos ao pastorado, decidindo sobre aqueles que podiam ou não ser ordenados.

O ministério dos mestres não estava tão claro. Em princípio, eram dedicados ao ministério da Palavra. De fato, o ensino teológico recaiu sobre eles, embora repartissem essa responsabilidade com alguns pastores. Os anciãos, por outro lado, tinham um campo de ação mais amplo: seu serviço presbiterial consistia numa delicada vigilância da moralidade pública, bem como da vida privada. Em uma cidade-igreja, um não deveria ter nada que esconder do outro! O consistório, onde

pastores e anciãos tinham função similar, cuja presidência era ocupada por um síndico do conselho da cidade, era um verdadeiro tribunal para questões de fé, costumes e disciplina. Os métodos que empregava se aproximavam bastante dos da Inquisição.

Olhando numa perspectiva atual, parece que a ênfase dada pelo colégio presbiterial calvinista à participação dos leigos foi uma revitalização do estilo de governo estabelecido por Paulo nas comunidades de Corinto, Éfeso e Roma. No caso do diaconato, Calvino quis devolver-lhe o antigo propósito de ação social: os diáconos de Genebra estavam encarregados de cuidar dos pobres e dos enfermos. Como “mãos de Deus” estendidas àqueles que sofrem, não se contentaram somente em oferecer-lhes ajuda material, “distribuindo sopa”, mas também deviam manifestar a Palavra de Deus em seus atos. Isso recordava o dinamismo do conceito de *dabar Yahvé* (Palavra do Senhor) procedente do Antigo Testamento, que fazia da Palavra um evento e algo palpável, encontrando, assim, sua correta expressão. De acordo com este enfoque teológico, o diácono calvinista é encarregado da tarefa simbólica de distribuir o pão e o vinho na ceia do Senhor.

Para compreender o contexto em que foi concebido o novo catecismo de Genebra, é preciso observar que o pensamento dogmático de Calvino, durante sua estadia em Estrasburgo e após a elaboração da segunda edição da *Instituição*, ganhou muito em originalidade, a tal ponto que chegou a converter-se numa teologia autônoma. Vejamos um exemplo: Calvino já não segue o modelo luterano que trata da lei antes da fé, com a intenção de mostrar as contradições entre elas. Na verdade, contesta que a lei do Antigo Testamento seja a origem de um legalismo que insistia em sua observância e nas obras, para concluir daí que tenha perdido todo o seu significado com a vinda de Cristo e seu evangelho. Ao invés disso, esforçou-se por integrar a Lei dentro da esfera da fé evangélica, como uma ordenança transfigurada pelo novo pacto e como estímulo necessário a todo progresso ético, de modo que também a obediência à lei de Cristo representava, ante seus olhos, um notável ato de fé. A continuidade dos dois pactos e de sua “essência”,

e não identidade “econômica” (ou orgânica), é uma ideia que ilustra claramente a liberdade teológica do reformador francês que alcançou o respeito de Lutero.

VI. OS RISCOS DA INTOLERÂNCIA

As certezas doutrinárias de Calvino aumentaram as controvérsias e isso favoreceu algumas atitudes intolerantes de sua parte, pelo menos em relação aos adversários que o colocaram em dificuldades e aos quais não considerava como membros da grande família evangélica. Três casos ilustram esse fato. Primeiro, em 1543, quando enfrentou a oposição de Sebastião Castelio, que questionava a canonicidade de *Cântico dos Cânticos* e o criticava por sua interpretação da descida de Cristo aos infernos. Calvino considerou perigosas essas opiniões em relação à autoridade das Escrituras e fez tudo que estava ao seu alcance para evitar a propagação das mesmas: impediu a ordenação pastoral de Castelio e, finalmente, conseguiu sua expulsão de Genebra. Por uma ironia do destino, o autor do comentário sobre *De Clementia* procurou silenciar um homem que defendeu a tolerância e a liberdade de consciência, com sua obra *De haereticis, an sint persequendi* (Disposições para perseguir as heresias) publicada na Basileia, território protestante.

O caso de Jerome Bolsec, em 1551, foi um episódio semelhante causado pela severa e, inclusive, injuriosa crítica que esse carmelita havia feito sobre um aspecto particularmente sensível e próprio da teologia calvinista: a doutrina da dupla predestinação. Melancton e a Igreja de Berna tentaram em vão intervir; o reformador de Genebra não toleraria dentro dessa cidade, sob qualquer pretexto, um homem que o havia contraditado. A explicação se encontra provavelmente na consciência profética de Calvino, em sua certeza de que estava simplesmente aplicando de forma adequada as palavras de Deus. Por várias vezes, isso deu a suas decisões um ar de juízo divino.

A intolerância de Calvino atingiu seu grau mais elevado na forma implacável com que perseguiu Miguel Serveto, a quem considerava um

destruidor do dogma trinitário. Supor que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram simplesmente três modos de ação de um Deus unitário parecia uma falsificação de tudo o que Paulo, João e o Pais da Igreja, desde Niceia até Calcedônia, haviam ensinado na criação de um credo universal. Isso se opunha à majestade divina e à sua verdade; a pena de morte era a mais apropriada para um crime dessa natureza. A Inquisição estabelecida por Inocêncio III havia equiparado a heresia a um atentado contra o soberano. Calvino teve longas discussões com Serveto na prisão com a finalidade de dissuadi-lo de suas ideias, mas, finalmente, exigiu sua morte. Basileia, Berna, Schaffhausen e Zurique estavam de acordo (eventualmente também Melancton) e o “herege” foi queimado vivo a 27 de outubro de 1553.

VII. O ALBOR DE UMA NOVA CIVILIZAÇÃO

Um espírito bastante distinto guiou o reformador nas controvérsias que se deram entre as igrejas da Reforma acerca da doutrina da ceia do Senhor. Nesse campo de batalha, mostrou-se menos defensivo e mais criativo, bem como mais desejoso de alcançar a paz. Há dois casos em que isso pode ser percebido com clareza: no Sínodo de Berna, em 1537, antes que Calvino se estabelecesse em Genebra, e no *Consensus Tigurinus*, assinado em 1549.

A reunião de Berna tinha como propósito revisar a doutrina da santa ceia desenvolvida por Bucer, visando esclarecer até que ponto foram feitas concessões a Lutero, no caso das igrejas suíças. A discussão alcançou uma conclusão satisfatória depois da *Confissão de Fé* que Calvino redigiu, especialmente para essa ocasião. Desde essa época, deu mostras de uma consumada habilidade para encontrar o termo médio, que fosse além do simples compromisso, algo mais apreciado por sua inteligência criativa que por sua diplomacia teológica e que o levou a desenvolver a tese da presença espiritual de Cristo na santa ceia. Entre as duas posições extremas – a luterana, que caía numa confusão semelhante à dos escolásticos, e a zuingliana, que cedia às exigências